

Avaliação do Projeto Paz nas Escolas da rede pública municipal de Fortaleza

Fabício Augusto de Freitas MELO¹

Isabel Cristina Carlos FERRO²

Liduína Farias Almeida da COSTA³

Resumo: a educação é um pressuposto básico para o fortalecimento da paz e a superação da violência, sendo a escola um dos locais onde o aluno pode construir referenciais de relacionamento pacífico com as demais pessoas e com o meio ambiente. Este trabalho objetivou realizar uma avaliação do Projeto Paz nas Escolas da rede pública municipal de Fortaleza. De maneira específica, buscou-se conhecer as concepções e razões do projeto, identificar as ações executadas com a implementação do Projeto Paz nas Escolas em uma escola municipal de Fortaleza e verificar os pontos positivos e negativos do projeto. Trata-se de um estudo exploratório documental e bibliográfico, seguido de estudo descritivo de caso em uma escola pública municipal Y da cidade de Fortaleza, localizada na SER VI, que havia implementado o Projeto Paz nas Escolas. Para isso, foram realizadas entrevistas com dois professores da escola, as quais foram tratadas via análise de conteúdo. Os resultados mostraram como satisfatória a contribuição que o projeto desenvolvido trouxe para a escola e, por conseguinte, para a comunidade onde esta se localiza.

Palavras-chave: Políticas Públicas, Projeto Paz nas Escolas, Cultura de Paz, Escola Pública.

Introdução

Num mundo tão sofrido com toda sorte de violências, a paz se apresenta como um bem inestimável e insubstituível neste fim de século (ABRAMOVAY, 2005; ANDRADE, 2007). Dessa tendência, percebe-se a existência e proliferação de movimentos em prol da paz, emergindo dos mais diversos grupos sociais, apesar de um número superior de atos violentos.

Ressalte-se que o enfrentamento da violência não deve interessar somente aos profissionais de segurança pública, ou aos órgãos de justiça, mas também aos educadores.

¹Mestre em Administração – UECE. Professor do IFCE. Rua Cônego Penafort, 415, apto. 502, Amadeu Furtado. CEP 60455-620. Fortaleza/CE. Telefone: (85) 3281-6953. E-mail: fabricioaugustofm@yahoo.com.br

²Mestre em Planejamento e Políticas Públicas – UECE. Professora do IFRN. E-mail: bebelcarfe@yahoo.com.br

³Doutora em Sociologia – UFC. Professora da UECE. E-mail: politicaseuce@gmail.com

Estes, que atuam em um ambiente de motivação e formação, devem promover uma educação para a paz e para a construção do cidadão. O que inclui entender a escola como um lugar de práticas sociais democráticas (SAVIANI, 1986; ANDRADE, 2001). Para Röhrs (1970, p.20) “o problema fundamental da conservação da paz é, na realidade, de caráter educativo”.

Conforme Grossi *et al.* (2005), existe a urgência de uma educação inclusiva voltada para uma cultura de paz na escola, pois esta se constitui um dos principais espaços públicos de inserção do adolescente, tornando-se uma referência de conhecimentos e valores nela propagados. Aos educadores cabe o enorme desafio de rastrear as cenas constitutivas da violência e os efeitos que são presenciados para que sejam identificados os dispositivos de poder inerentes a elas e para que sejam construídas estratégias de superação da violência com ações voltadas para uma cultura de paz.

A luta principal, hoje, deve concentrar-se em buscar bloquear o avanço de pensamentos comodistas de que propostas em defesa de uma educação para a paz são de pouca resolutividade para os graves problemas nacionais. Reconhece-se a existência de limites frente a essas iniciativas, porém o fato de perceber alguns entraves não significa que se deva manter-se afastados e alheios a tal problema, pois o verdadeiro papel social é de trabalhar a questão democrática que a luta pela conquista da cidadania permite avançar e entender que as crianças e os adolescentes devem ser cobertos pelas políticas públicas de forma mais ampla, com seriedade e compromisso (REZENDE, 2006).

Uma iniciativa de política pública para envolver professores e alunos no debate sobre uma cultura de paz é o Projeto Paz nas Escolas, realizado pela Secretaria Municipal de Educação (SME), com implantação em novembro de 2004. Por meio do Programa do Ministério da Educação, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos, sobre Ética e Cidadania – trabalhando os valores na escola e na sociedade, o projeto objetiva uma vivência da ética no processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da transversalidade. Sua base de sustentação é a formação de fóruns escolares sobre a ética, a convivência democrática, a inclusão social e os direitos humanos.

Torna-se imperativa a necessidade da promoção de uma cultura de paz nas escolas e de envolver um maior número de pessoas na busca de um mundo mais democrático onde, desde criança, a cidadania seja uma prática cotidiana e não apenas letras nas páginas dos livros escolares (BENEVIDES, 1996). Também, deve-se conhecer e avaliar essas iniciativas (TRIVIÑOS, 1987; SANTOS, 2001), como o Projeto Paz nas Escolas, para que estas ações possam ser continuadas, melhoradas e complementadas com outros projetos.

Em função dos argumentos anteriormente aduzidos, buscou-se responder ao seguinte questionamento: a implementação do Projeto Paz nas Escolas contribuiu para a construção de uma cultura de paz na escola? Esse problema originou os seguintes objetivos: (1) avaliar o Projeto Paz nas Escolas da rede pública municipal de Fortaleza, que é o objetivo geral; (2) conhecer as concepções e razões do projeto; (3) identificar as ações executadas com a implementação do Projeto Paz na Escola em uma escola municipal de Fortaleza; (4) verificar os pontos positivos e negativos do projeto.

De acordo com Faleiros (1999), por estar voltada para a sociedade e envolver recursos sociais, toda política pública deve ser sistematicamente avaliada do ponto de vista de sua relevância e adequação às necessidades sociais. O presente trabalho pretende dar esta contribuição, buscando avaliar uma ação de política pública que propõe a garantia de direitos para crianças e adolescentes, tendo a escola como o local essencial para a sua concretização.

1. Construções de uma educação para a paz

A paz envolve uma visão de construção, de ação e de investimento pessoal na autotransformação e na transformação do meio com vistas à dignidade e ao desenvolvimento. Desta forma, a paz não corresponde apenas a um intervalo entre guerras, mas a um processo ativo de interação saudável com o meio social, no qual o sujeito se insere como importante agente de transformação e de ação cidadã (MILANI, 2004). Vem embrenhada da capacidade de dar vivência à vida democrática, sob a égide da tolerância (FREIRE, 1989).

Afora raízes sociais, econômicas e políticas, a paz tem uma base cultural. A cultura diz respeito às expressões produzidas e criadas pela humanidade e, por tanto, como uma realidade ligada ao ato de aprender, transmitir e educar (REZENDE, 2006).

Para Guimarães (2005), a cultura de paz é um conjunto de valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, ao ser humano e à sua dignidade e que colocam como prioridade: os direitos humanos, a rejeição à violência, em todas as suas formas, e a adesão aos princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância. Assim como a compreensão entre os povos, as coletividades e as pessoas.

A educação deve tornar possível o “trânsito” de uma cultura de guerra e violência para uma cultura de paz e não-violência, que permita viver a paz como um processo criativo com repercussões diretas em nosso cotidiano (JARES, 2002). Para isso, é de suma importância a posição de Rabbani (2003) de que uma educação para a paz passa a ser aquela que permite as pessoas descobrirem as estruturas violentas e as prepara para a ação transformadora.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de um trabalho sistematizado e contínuo de promoção de valores, baseado num processo dialógico, que leve à conscientização sobre a violência e a ação para a paz, sem que os alunos e professores caiam no erro de reproduzir violência. Este é um dos maiores desafios para a educação (ABRAMOVAY, 2005).

É importante que a escola assuma a sua função de centro educativo, e não ficar limitada à simples função de repassadora de conhecimentos, ofertando aos seus agentes um local onde todos possam exercitar sua cidadania e buscar alternativas para a superação de dificuldades advindas do meio em que se insere e do social como um todo. A esse respeito, Santos (2001) considera que apesar de todas as adversidades enfrentadas pelas escolas, especialmente, aquelas vítimas do descaso dos governantes e demais administradores de recursos públicos, ainda é possível pensá-las como um local para a consolidação da cidadania.

De acordo com Benevides (1996), três elementos são indispensáveis e interdependentes para a compreensão da educação para a cidadania:

- A formação intelectual e a informação - trata-se do desenvolvimento da capacidade de conhecer para melhor escolher. Para formar o cidadão é preciso começar por informá-lo e introduzi-lo às diferentes áreas do conhecimento, inclusive através da literatura e das artes em geral. A falta ou insuficiência de informação reforça as desigualdades, fomenta injustiças e pode levar a uma verdadeira segregação.

- A educação moral - vinculada a uma didática dos valores democráticos, que não se aprendem intelectualmente apenas, mas, sobretudo pela consciência ética, que é formada tanto de sentimento quanto de razão; é a conquista de corações e mentes.

- A educação do comportamento - desde o primário, no sentido de enraizar hábitos de tolerância diante do diferente ou divergente, assim como o aprendizado da cooperação ativa e da subordinação do interesse pessoal ou de grupo ao interesse geral, ao bem comum.

A paz não pode ser construída como um elemento isolado. É indissociável da justiça e da solidariedade. Paz, justiça e solidariedade constituem um conjunto e não se pode separar qualquer destes elementos dos demais. Querer a paz exige favorecer a justiça e construir solidariedade. A paz é um produto que se constrói com estes diferentes componentes. Não é somente uma meta a ser alcançada, mas um processo, um caminho. Neste sentido, é importante radicalizar a capacidade de diálogo e de negociação (REZENDE, 2006).

A solução para esta problemática é, em geral, buscada acentuando-se as políticas de segurança. As situações passam a ser exclusivamente uma questão de segurança, de responsabilidade da polícia. Mais polícia nas ruas e nas escolas, mais repressão e punição,

mais controle. É reforçada a lógica da contraposição de forças, o que é antagônico a uma cultura de paz (BENEVIDES, 2004).

Com cerca de 80 anos, a educação para a paz apresenta um desenvolvimento considerável, sendo qualificada como “uma especial direção da investigação em pedagogia internacional” (RÖHRS, 1970, p. 24), constituindo-se uma “disciplina científica”. A educação para paz se apresenta como tarefa educacional mundial, ao lado da educação profissional, da educação para os direitos humanos e da educação intercultural (RÖHRS, 1970).

Sendo o professor uma liderança estratégica da escola, é importante que esteja capacitado a agir em face das violências. Principalmente, com uma compreensão dos fatos, de modo que possa intervir e efetivamente liderar o processo educativo (PEREIRA, 2002). Também, precisa receber formação adequada, manter-se atualizado e ter a devida valorização socioeconômica. Afinal, um professor tendencialmente excluído não consegue cuidar da inclusão dos outros, em particular da multidão excluída da sociedade (DEMO, 2004).

A próxima seção fundamenta a temática da violência adentrando um universo de conceitos e interpretações até sua disseminação nas instituições escolares.

2. Violência: uma pedra no caminho da paz

O vocábulo violência vem do latim *violentia* que significa violência, ato de violentar, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir (MICHAUD, 1986).

Para Abramovay (2005), a violência pode ser definida como: intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito (disfarçada sob a denominação de “acidentes”), além das diversas formas de agressão sexual. Por sua vez, Chauí (1999) considera violência como um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror.

É importante ressaltar que cada cultura e cada sociedade têm seus valores e dão limites e soluções diferentes para seus problemas. Assim sendo, a noção de violência também varia de cultura para cultura; o que é violento para uma sociedade pode ser absolutamente normal para outra. Porém, as sociedades modernas definem violência de maneira semelhante: todas as formas pelas quais os homens perdem seus direitos e têm sua integridade moral e física ameaçada, seja por outros homens ou pela sociedade (DORON; PAROT, 2001).

No que se refere à violência nas escolas, o interesse pelo tema é relativamente recente na América Latina e no Caribe. Os primeiros estudos datam da década de 80 e se concentram no tema das depredações. Nos anos 90, surgiram estudos etnográficos sobre exclusão social e projetos pedagógicos das escolas. Também emergiram as primeiras iniciativas de governo e organizações não-governamentais, visando prevenir e solucionar os episódios de violência na escola (GUIMARÃES, 1995).

Charlot (1997) refere-se à dificuldade em definir violência escolar não somente porque está voltada aos fenômenos heterogêneos, difíceis de delimitar e de ordenar, mas também porque desestrutura as representações sociais que têm valor fundador: aquela da infância (inocência), a da escola (refúgio de paz) e a da própria sociedade (pacificada no regime democrático). O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos, dentre outros), da idade e provavelmente do sexo (CHARLOT, 1997).

A violência no cotidiano das escolas é associada, segundo Debarbieux (1996), a três dimensões sociorganizacionais distintas: 1) degradação no ambiente escolar, isto é, a grande dificuldade de gestão das escolas, resultando em estruturas deficientes; 2) violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna sitiadas (GUIMARÃES, 1995), e manifesta-se por intermédio da penetração de gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar; e 3) um componente interno das escolas, específico de cada estabelecimento. Há escolas que historicamente têm-se mostrado violentas e outra que passam por situações de violência.

No que tange às ações de prevenção e combate às violências, nota-se que, pelo fato de a problemática ter sido explorada apenas recentemente, configura-se um panorama marcado pela diversidade de ações, muitas das quais se caracterizam pela fragmentação. Raros são os programas em grande escala, o que, de certo modo, decorre da falta de informações sistematizadas em nível regional e nacional (ABRAMOVAY, 2005).

Na Argentina, as abordagens de prevenção à violência escolar mesclam programas de mediação e resolução de conflitos com ações de formação para professores, voltadas para a melhoria do clima escolar (BERTELLA, 2001). Já no Chile, as principais ações tendem a enfatizar estratégias de modificação de práticas cotidianas e curriculares, bem como a promoção da participação dos pais e responsáveis na escola (SARLO, 2001). Por último, no contexto brasileiro, o enfoque tem sido a melhoria do clima escolar, aliada ao incentivo da participação da juventude em programas relacionados com arte, cultura, esporte e lazer.

Também, têm sido verificados investimentos em estratégias para criação de uma política pública específica para a juventude (ABRAMOVAY, 2005).

Em conclusão, o fenômeno da violência nas escolas exige um olhar diversificado para poder compreendê-lo e propor ações de prevenção e intervenção (WAISELFSZ, 1998). Isso permitirá a construção de uma cultura de paz na escola e a formação de cidadãos.

3. O Projeto Paz nas Escolas

A Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza, através de pesquisas realizadas nas escolas municipais de ensino fundamental, observou a necessidade de trabalhar, como ação educativa, o Projeto Paz nas Escolas. Tendo o objetivo geral de oportunizar aos professores da rede pública municipal de ensino conhecimento e informações acerca do tema transversal ética e cidadania, enquanto ferramenta indispensável à construção de uma cultura de paz nas escolas. O que representa, conforme Regina Bruno - coordenadora do projeto em Fortaleza, uma tentativa de minimizar e/ou superar as causas da violência com perspectiva da compreensão do papel da escola no contexto da realidade social e humana.

A Prefeitura Municipal de Fortaleza aderiu ao Projeto Paz nas Escolas em 2002, através do Plano de Trabalho Anual (PTA). Contudo, devido a uma série de fatores, como a greve dos professores ocorrida no mesmo período, a execução só veio a se realizar em 2004. Esse atraso interferiu na meta principal do projeto que era a formação de 500 professores de 54 escolas municipais de Fortaleza. Além disso, o recurso solicitado ao MEC para o projeto foi reduzido, passando a conseguir formar apenas 380 educadores.

O critério para a escolha dos professores participantes do projeto se deu por meio de uma triagem de escolas com histórico de violência, localizadas em área de risco e com dificuldades de relacionamentos. As escolas foram visitadas por uma equipe de técnicas da SME, com preenchimento de questionários para saber se havia outros projetos na escola e se os professores participariam do Projeto Paz nas Escolas. Posteriormente, por questões administrativas, a capacitação dos professores demorou a acontecer, o que gerou algumas desistências de professores e a adesão de escolas que não tinham participado da triagem.

As etapas de formação dos educadores ocorreram em três módulos. No primeiro, o tema fundamental foi a questão da ética e cidadania na construção de uma cultura de paz, culminando com um seminário. No segundo, ocorreram oficinas pedagógicas fomentando os seguintes tópicos: escola, família e comunidade, diversidade cultural, convivência democrática, direitos humanos e inclusão social. Por fim, no terceiro módulo, os professores

foram habilitados a trabalharem com a elaboração de projetos, utilizando teoria e prática, e passaram a criar ações dentro da temática cultura de paz.

Caracteriza-se, dessa forma, a meta do projeto, ou seja, a realização de um curso de formação continuada com carga-horária de 240h/a, sendo 120h/a para a capacitação dos formadores do Projeto Paz nas Escolas e 120h/a para a capacitação de educadores cursistas em efetivo exercício de suas atividades na Rede Pública Municipal de Fortaleza.

O material utilizado como subsídio enfocou a formação de docentes dispostos a promover em suas unidades escolares a constituição de um fórum permanente de ética e cidadania, ancorado em quatro grandes eixos de atuação: Ética, Convivência Democrática, Direitos Humanos e Inclusão Social. Abaixo, os principais objetivos de cada um desses eixos:

1) Ética - levar ao cotidiano das escolas reflexões sobre a ética, seus valores e seus fundamentos, e gerar ações, reflexões e discussões sobre seus significados e sua importância para o desenvolvimento de uma educação para a paz;

2) Convivência Democrática - promover a construção de relações interpessoais democráticas na escola e na comunidade, a partir do trabalho em conjunto com as assembleias escolares, na resolução e mediação de conflitos e na formação de grêmios estudantis;

3) Direitos Humanos - trabalhar a temática dos direitos humanos visando à construção de valores socialmente desejáveis, e conhecer e desenvolver experiências educativas que tenham como foco a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na promoção de uma verdadeira educação para a paz;

4) Inclusão Social - construir escolas abertas às diferenças e à igualdade de oportunidades para todos, e abordar e desenvolver ações que enfrentem as exclusões, os preconceitos e as discriminações geradas pelas diversas formas de deficiência e pelas diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais e ideológicas.

Assim, com a implementação do Projeto Paz nas Escolas, o principal foco foi a construção de valores na escola e na sociedade que oferecessem condições para a educação para a paz no cotidiano das escolas de Fortaleza, com fomento na ética, na convivência democrática, nos direitos humanos e na inclusão social.

4. Metodologia

Procurou-se desenvolver este estudo realizando uma avaliação do Projeto Paz nas Escolas, no município de Fortaleza, sob a percepção de professores, participantes do projeto, que atuam em uma unidade de ensino fundamental. Para o alcance deste objetivo, a

metodologia utilizou pesquisa bibliográfica, documental e de campo, tendo como estratégia o estudo de caso (BRUYNE *et al.*, 1991; LAZZARINI, 1997; YIN, 2001; GODOY, 2006).

A pesquisa bibliográfica abrangeu os escritos sobre cultura de paz e violência na escola. Teve como finalidade a familiarização com o assunto, elevando o conhecimento e a compreensão do problema (LAKATOS; MARCONI, 2001).

A pesquisa documental, realizada na SME, envolveu relatórios sobre a realidade das escolas participantes, dados sobre os professores inscritos no projeto, histórico de violência na escola e informações a respeito do Projeto Paz nas Escolas, além de textos e fotos dos alunos da escola pesquisada e de material utilizado para a capacitação dos professores.

A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, adotou como campo de estudo ou unidade de análise uma escola pública municipal de ensino fundamental de Fortaleza, localizada na regional VI, que cobre 42% do território de Fortaleza. Em especial, a escola escolhida foi aquela apontada pelo Ronda Preventiva Escolar (ROPE) como a de maior número de casos de incidência de violência e também a única identificada como possuidora de pelo menos dois professores que participaram ativamente do Projeto Paz na Escola.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (TRIVIÑOS, 1987) junto a dois professores, aqui denominados entrevistados 1 e 2, cuja escolha se deu através dos seguintes critérios: exercer o magistério há pelo menos cinco anos, por considerarmos o tempo mínimo adequado para experiência no campo; ter interesse e disponibilidade em participar do estudo; e ter aderido ao Projeto Paz nas Escolas. Ao final, participaram docentes entre 36 e 40 anos de idade, com especialização e mais de onze anos de experiência no magistério, e que atuam há mais de cinco anos na mesma escola. As entrevistas foram realizadas na escola em questão, sempre em local reservado e que permitisse o seu desenvolvimento sem interrupções.

Quanto à análise dos dados, as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), que se iniciou com a pré-análise, onde foi realizada leitura flutuante do material, com o intuito de estabelecer um contato inicial e conhecê-lo. O *corpus* foi norteado pelos princípios da pertinência e da homogeneidade. O princípio da pertinência foi atendido, pois o *corpus* formulado a partir das entrevistas é adequado, enquanto fonte de informação, para o atendimento do objetivo que suscita a análise. Também, esta investigação foi homogênea, pois os dados foram coletados por um mesmo instrumento de coleta (a entrevista), versaram sobre o mesmo tema (cultura de paz na escola) e o grupo de indivíduos investigados foi semelhante (professores participantes do Projeto Paz na Escola). Por fim, esta fase foi finalizada com a preparação do material (edição dos textos) para análise propriamente dita.

Em seguida, foi feita a codificação ou tratamento do material, onde foi feita a categorização necessária a uma representação simplificada dos dados brutos, de forma a serem dados organizados. Neste intuito, o processo de categorização buscou a alocação de cada elemento em uma única categoria (exclusão mútua), respeitado o princípio de classificação (homogeneidade), de forma adaptada às intenções de investigação, ao material de análise e às questões de estudo (pertinência), na busca de resultados férteis (produtividade).

5. Análise dos resultados

Os professores entrevistados referenciam o Projeto Paz nas Escolas como uma oportunidade de cultivar a paz em meio a um clima de violência na escola. Conforme o entrevistado 2: “o Projeto Paz nas Escolas veio auxiliar a gente a trabalhar a cultura de paz e tentar diminuir todas essas coisas ruins na escola”. As falas dos entrevistados destacam ocorrências de violências:

(1) “[...] eram... são assassinatos, brigas de gangues, um monte de coisas aterrorizantes que dá muito medo mesmo”.

(2) “[...] brigavam feio, com estiletes, furavam uns aos outros com pontas de caneta e de lápis, se esmurravam por nada, jogavam bolinha de papel e diziam muitos palavrões [...] Até o carro da diretora já foi arranhado de uma ponta a outra, as cadeiras e paredes da escola todas riscadas com imoralidades [...]”.

Ressalte-se que os entrevistados destacaram o posicionamento dos seus alunos acerca da violência, na ocasião em que a escola realizou sondagem de opinião para sua aceitação no Projeto Paz nas Escolas. Neste ponto, é importante salientar que a análise do material, pelos pesquisadores, durante a fase de pesquisa documental, mostrou a existência de diversos tipos de violência na escola em estudo, como agressões, assaltos e insultos, e por diversas razões, como racismo, problemas familiares, violência doméstica, desentendimentos e intolerância religiosa. Dentre as ações para combater a violência na escola, os alunos destacaram: rigidez e controle por parte da escola, orientação para a paz, participação dos pais, segurança e respeito.

Existem casos em que o educando apresenta um comportamento indesejado e, às vezes, os educadores tentam resolver o problema sem primeiro conhecê-lo e correm o risco de, no lugar de solucionar, aumentá-lo. O fato é que o aluno pode ser vítima de uma situação violenta e estar usando a indisciplina como forma de expressar os maus tratos recebidos. É o caso da violência doméstica, que chamou bastante a atenção dos pesquisadores, pela grande reincidência, durante a análise do material referente à percepção dos estudantes sobre as

causas de violência na escola. Assim, a violência pode estar internalizada e ser manifestada de diversas formas no aluno. A agressão, em si mesmo ou no outro, é uma das formas dessa manifestação. Cabe ao educador acompanhar o aluno.

Reconhecer a existência de um problema na escola, já é um primeiro passo para tentar solucioná-lo. Na fala do entrevistado 2, observou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) como um meio de trabalhar a cultura de paz na escola. Abaixo, uma foto mostra um dos encontros em que os professores foram capacitados pelos técnicos da SME:



Figura 1: Formação dos professores participantes do Projeto Paz nas Escolas

Fonte: Material cedido por um dos entrevistados

No que se refere à motivação dos professores para participar do projeto, obteve-se as seguintes respostas:

(1) “Olha o que me motivou foi saber que estou beneficiando não só a escola, mas toda uma comunidade sofrida como a nossa. Foi também procurar motivação para continuar, pois me sentia meio que abandonada diante de algumas situações que costumavam ocorrer [...] a que mais me marcou foi a de um aluno que junto com a turma toda combinaram de colocar um prato de sopa quente pra eu me sentar e senti [...] todos os alunos riram compulsivamente, inclusive o diretor da época quando eu chamei pra ele ir à minha sala, e sabe o que foi feito? Nada, me senti muito só naquele momento, sem ninguém por mim e sem saber o que fazer diante dos alunos e do diretor rindo sem parar [...] se esse projeto tivesse aparecido antes desse fato acontecer, eu teria tomado uma providência, com certeza, bem diferente em vez de ter ido pra casa chorando com medo do dia seguinte”.

(2) “Eu acho que a motivação maior foi tentar diminuir o clima de insegurança e medo que vinha pairando na nossa escola. Lutar contra o medo que sentíamos quando a gente vinha trabalhar nesta escola tentando acabar com tudo aquilo que gerava esse medo”.

Seguindo-se o raciocínio de Pereira (2002), percebe-se que os professores revelam vontade de combater o medo da violência de seus alunos e de estar em seu local de trabalho. Contudo, um dos pontos-chaves para criar uma cultura de paz é a preparação inicial e continuada do professor, pois ele representa uma liderança estratégica da escola.

A meta principal do Projeto Paz nas Escolas foi capacitar o professor a trabalhar com os alunos a construção de uma cultura de paz na escola. A partir desta informação, verificou-se, por meio das falas dos professores, o que eles pensam a respeito do envolvimento dos alunos no Projeto Paz nas Escolas, conforme abaixo:

(1) “Pra mim foi um grande desafio envolver os alunos no Projeto Paz nas Escolas, pois, para alguns deles, as atitudes de violência que eles cometiam eram engraçadas e faziam parte das brincadeiras do intervalo. O Projeto pedia que a gente realizasse na escola atividades pela paz na nossa escola, daí, pra eu não fazer sozinha, chamei a outra colega, que também participou da capacitação do projeto, e juntas nós construímos algumas atividades divertidas na hora da acolhida dos alunos envolvendo o tema paz. No início, só os do sexto e sétimo anos se interessavam em participar, depois os do oitavo e nono anos, vendo a alegria e a empolgação dos outros, foram aceitando. Pra mim, o envolvimento dos alunos foi acontecendo aos poucos, mas nunca chegou aos cem por cento. Sempre têm aqueles que tão nem aí”.

(2) “Acho que o envolvimento deles foi bom sim. Deu trabalho, mas conseguimos envolver muitos deles. Aconteceu porque tivemos grandes parceiros que entraram com a gente nessa: articulamos alguns segmentos que estavam quase que inexistentes e contamos com a participação do conselho tutelar, o grêmio, o conselho da escola, os outros professores, a regional, o ROPE que hoje é a guarda municipal, só a direção que no começo [...] mas depois [...] Então, pelos anos na educação, eu posso dizer que, nesta escola, os alunos se envolveram no projeto”.

Dessa forma, percebe-se que, por meio de atividades e participação de outros sujeitos na escola, os alunos foram se envolvendo no projeto. Também, a boa vontade dos professores e a persistência pelo funcionamento do projeto contribuíram consideravelmente para o envolvimento dos alunos.

Ao destacarem os pontos positivos e negativos do Projeto Paz nas Escolas, expressam-se nas falas dos entrevistados, outras categorias como resistência ao projeto, projetos

anteriores ao Paz nas Escolas e valores nas escolas. Quanto à primeira, é possível observar que ambos referenciam a resistência por parte da direção ao projeto, ressaltando o seguinte:

(1) “Quando o convite para participar do projeto chegou na nossa escola, houve resistência por parte da direção [...]”.

(2) “Eu acho que, de cara, a nossa participação no projeto já foi um ponto positivo, pois, aqui, eu não tenho medo de dizer, tivemos alguns problemas com a direção que não queria aceitar o projeto na escola [...]”.

Disto depreende-se que os dois professores reconhecem, de início, a direção ter sido um empecilho para a entrada do projeto na escola. Contudo, sabe-se que a direção de uma escola é uma das maiores motivações para que o ensino – aprendizagem, de fato, tenha espaço para acontecer na escola, visto incentivar não só os funcionários, mas, sobretudo, os professores, que, por sua vez, atingem os alunos.

Quanto aos projetos anteriores ao Paz nas Escolas, destacam-se as seguintes falas:

(1) “[...] apoio que dificilmente acontecia em outros projetos [...]”.

(2) “[...] nós já tínhamos trabalhado projetos anteriores ao Paz nas Escolas, mas dificilmente a gente ia até o fim, porque o projeto chegava para a escola e não tinha quem acompanhasse, quem cobrasse [...]”

A partir da leitura dessas falas, percebe-se que projetos existem, mas as iniciativas de fazer com que eles sejam bem-sucedidos são poucas. A respeito dessas dificuldades, o entrevistado 2 cita um projeto simples, que foi de doação de livros para a sala de leitura da escola. Houve a doação, mas os livros ficaram largados no chão, conforme a foto abaixo:



Figura 2: Sala de leitura, antes do Projeto Paz nas Escolas

Fonte: Material cedido por um dos entrevistados

A sala de leitura é um projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza que, muitas vezes, funciona como biblioteca, mas sua real função é motivar e fazer acontecer a prática da leitura e da escrita na escola. Infelizmente, algumas pessoas não compreendem que os alunos precisam de estímulo para estudar. Não basta ter uma sala de leitura afuncional, servindo como depósito de livros velhos, nem tão pouco atividades isoladas, sem um direcionamento para os alunos. É preciso compromisso e respeito pela responsabilidade que é educar.

Logo, trabalhar a cultura de paz nas escolas é saber fazer uso dos instrumentos educacionais que a escola oferece e, a sala de leitura é um deles. Afinal, os livros não devem ser vistos como enfeites nas estantes, mas como recurso na tentativa de convencer o aluno da importância de ler e produzir textos.

Em se tratando dos valores na escola, ambos os entrevistados reconhecem a importância de se trabalhá-los, destacando o projeto em estudo. Conforme as falas:

(1) “[...] um projeto como esse sobre cultura de paz na nossa escola é tentar ver o bom do aluno, a esperança, ensinar o aluno com bons exemplos, valores e não com punição o tempo todo e isso também é muito positivo [...]”.

(2) “[...] quando a gente trabalhou os valores na nossa escola, os alunos passaram a respeitar inclusive a merendeira e o porteiro, que eram vítimas de muito xingamento e brincadeiras sem graça [...]”.

Ao analisar as falas dos professores entrevistados sobre as alterações eles fariam no Projeto Paz nas Escolas, constatou-se poucas sugestões, como capacitação dos professores e dos demais segmentos da escola, incluindo porteiros e merendeiras. Também, cabe elencar um outro ponto interessante citado pelo entrevistado 1, no qual é sugerido um encontro onde os professores apresentassem as ações que foram desenvolvidas nas suas escolas e se essas ações deram ou não certo.

No que se refere às ações executadas após a chegada do Projeto Paz nas Escolas, destacam-se os seguintes depoimentos:

(1) “Durante a capacitação, eu fui percebendo que para algumas coisas acontecerem aqui na escola, outras precisariam existir. O que eu quero dizer com isso é [...] o regimento da escola era de 1979 e nós só reformulamos quando o Paz nas Escolas chegou. Não tínhamos um conselho de respeito, nem grêmio, pra não dizer que não tínhamos nada, tinha os líderes de salas. Quando a gente organizou tudo isso, ficou mais fácil de começar qualquer ação. Fizemos reuniões, fomos vendo o que podíamos fazer e fizemos. Cito as que eu lembro no momento tá certo? Jornal da escola, caminhada pela paz no bairro, gincana da paz, horta na escola, grupo de capoeira, educação para o trânsito, paz nos estádios de futebol, meus pais na

escola, dia D de leitura pela paz, entre outros que foram mais só nas salas de aula e não envolveu todo mundo. Com essas ações, nós passamos a conviver e nos respeitarmos mais em função de um objetivo maior: através dessas ações que fazemos até hoje, estamos sempre educando para a paz”.

(2) “Depois do projeto e durante o projeto nós trabalhamos os valores na escola, com atividades mensais, educação para o trânsito, a horta que uniu bastante os alunos, todos os meses de junho trabalhamos a educação para a paz utilizando questões ambientais, jornalzinho da escola, deixa ver [...] dia da leitura voltada para a paz é o nosso dia D, meus pais na escola, não lembro agora [...] mas teve outras”.

Verificou-se por meio destas respostas que os professores de fato executaram as ações previstas nos objetivos do Projeto Paz nas Escolas e conseguiram envolver os sujeitos da escola com atividades voltadas para uma cultura de paz. Abaixo, algumas ações realizadas, após a formação dos professores no Projeto Paz nas Escolas:



Figura 3: Atividades com jogos pedagógicos sobre convivência democrática

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada



Figura 4: Debate sobre cultura de paz na escola

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada



Figura 5: Realização de leituras sobre valores na escola

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada



Figura 6: Exposição de produções textuais sobre cultura de paz

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada



Figura 7: Caixas de livros reaproveitadas como lixeiras

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada



Figura 8: Horta na escola conservada pelos alunos

Fonte: Arquivo cedido pela escola pesquisada

Diante das considerações observadas nas falas dos professores pesquisados e nas visitas à escola, constatou-se que a implementação do Projeto Paz nas Escolas contribuiu para a construção de uma cultura de paz, através de ações executadas com os alunos continuamente. Destacam-se os seguintes depoimentos:

(1) “Eu acho que toda ação em favor da paz na escola é válida. O Projeto Paz nas Escolas, em especial, até hoje tem ajudado bastante aqui na escola, pois suas ações ainda continuam como a horta em que os alunos são responsáveis por ela, a partir daí passaram a destruir menos o jardim da escola, a quebrar menos os banquinhos. Desde que começamos a trabalhar os valores na escola, os alunos têm passado a respeitar mais uns aos outros, aos professores, e o que mais chamou a nossa atenção foi que os pais também sentiram essa mudança em casa. Eles têm respondido com menos agressividade e dito menos palavrões. Agora se você tivesse me perguntado se o Projeto Paz nas Escolas transformou nossa escola numa escola de paz, eu diria sem pensar: não. Mas contribuir para uma cultura de paz, contribuiu e contribui bastante, os bons exemplos têm ficado, e é em cima deles que continuamos trabalhando sem perder a esperança”.

(2) “Sim. Pois é claro que foi com a vinda do Projeto pra escola que inclusive começamos a falar de paz, quando só respirávamos e falávamos e vivíamos a violência diariamente. De certo que a violência não acabou, mas além de ter diminuído muito, sabemos como amenizar e às vezes converter um clima de briga em um clima de paz, porque fomos capacitados pra isso. A direção e os demais professores passaram a perceber que só unidos conseguiremos fazer da escola um ambiente bom de se trabalhar e estudar pra todos. Até hoje ainda recebemos visitas das técnicas da regional que continuam nos acompanhando e ajudando porque projetos como o Paz nas Escolas nunca acabam”.

Em ambas as falas, os professores reconhecem que a violência na escola não acabou, mas convergem também para o fato de o Projeto Paz nas Escolas ter favorecido a criação de um clima de paz não existente, naquele ambiente marcado pela violência e pelo medo. Afetando, também, os pais dos alunos, que passaram a perceber mudanças favoráveis no comportamento de seus filhos em casa.

É importante observar o papel da comunidade escolar interagindo e participando ativamente do projeto, conforme relato dos professores. Isso é relevante porque os benefícios do projeto não foram percebidos só nas salas de aula, mas na comunidade.

Considerações finais

O Projeto Paz nas Escolas tem contribuído satisfatoriamente na construção de uma cultura de paz na escola pesquisada, à medida que as ações passaram a amenizar o problema da violência na escola e não apenas o retrataram. O clima de paz passou a fazer parte do universo da escola.

Para que o sucesso do Projeto Paz nas Escolas fosse alcançado, é possível destacar os seguintes pontos: a necessidade de existir o projeto na escola; o convencimento da importância do projeto (aceitação); as condições para o desenvolvimento do projeto; a participação dos sujeitos; o acompanhamento da execução do projeto; a avaliação contínua; e a persistência e o compromisso dos professores capacitados em fazer o projeto acontecer, apesar de todas as dificuldades encontradas na escola.

Contudo, notou-se que não é apenas na escola que a criança deve aprender as regras de convivência social. A família é o pilar-base de uma educação para a paz, independente de qualquer ação da escola. Assim, a família, a escola e a sociedade devem trabalhar em consonância para garantir a formação integral do ser em formação, que é o aluno.

Logo, uma vez que a educação começa desde a infância, faz-se necessário que, na educação para paz, os pais e professores façam uso de estratégias diversas para a conscientização sobre as diversas situações conflituosas e sua resolução, através de meios pacíficos. Podem ser usados textos de livros literários, que abordem diferentes conflitos e diferentes modos de resolução, estudo de casos, jogos de papéis e de simulação, dramatizações, jogos cooperativos, dentre outras alternativas. É necessário também que toda a comunidade educativa, incluindo os pais, envolva-se na ação de ensinar, o que torna a educação cooperativa e democrática.

Por fim, este trabalho não pretende esgotar a discussão sobre a cultura de paz nas escolas, mas provocar reflexões que suscitem novas questões ao seu entendimento. Sugerem-se estudos comparativos em outras escolas, cidades e estados, onde o Projeto Paz nas Escolas se desenvolveu, e com a observância das perspectivas dos diversos sujeitos envolvidos.

Referências

- ABRAMOVAY, M. Violencia en las escuelas: un grand desafío. **Revista Iberoamericana de Educación**, n.38, p.53-66, Jan./Abr., 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf>> . Acesso em: 05 jan. 2010.
- ANDRADE, A.P.M. de. **A percepção docente sobre a violência na escola e a educação ambiental como possibilidade de sua superação**. 2001. 122p. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2001.
- ANDRADE, João Tadeu de. **Crônicas de Paz: Reflexões na Caminhada**. Fortaleza: Órion Edições, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENEVIDES, M. V. Educação para a democracia. **Lua Nova. Revista de Cultura e Política**, v. 38, p. 223-237, 2004.
- _____. **Violência, povo e polícia**. São Paulo: Cedec/Brasiliense, 1996.
- BERTELLA, M.L. La convivencia en escuelas medias de contextos desfavorables. **Revista del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación**, n. 18, p. 59-71, 2001.
- BRUYNE, P.; Herman, J.; SCHONTHEETE, M. D. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, ano 4, n.8, Jul./Dez., p. 432-443, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 mar. 2010.
- CHAUÍ, M. Ideologia neoliberal e universidade. In: OLIVEIRA, F. de; PAOLI, Maria Célia. **Os sentidos da democracia: política de dissenso e hegemonia global**. Petrópolis: Vozes, 1999.

- DEMO, P. **Pesquisa participante** – saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- DEBARBIEUX, E. **La violence em milieu scolaire 1** – État des lieux. Paris: PUF, 1996.
- DORON, R; PAROT, F (orgs). **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Ática, 2001.
- DREW, N. **A paz também se aprende**. São Paulo: Gaia, 1990.
- FALEIROS, V. de P. **Estratégia em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz & Terra, 1989.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-de-MELLO, R.; SILVA, A. B. da (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**, São Paulo: Saraiva, 2006.
- GUIMARÃES, Maria Eloísa. **Escola, galeras e narcotráfico**. 1995. 205 f. Tese (Doutorado) – PUC do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.
- GUIMARÃES, Marcelo R. **Educação para a Paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.
- GROSSI, Patrícia Krieger *et al.* Violência no meio escolar: a inclusão social através da educação para a paz. **Textos & Contextos**, n.4, Dez., 2005.
- JARES, X.R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Trad. Fátima Murad. 2 ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LAZZARINI, S.G. **Estudo de caso para fins de pesquisa: aplicabilidade e aplicações do método**. São Paulo: Pioneira, 1997.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1986.
- MILANI, F.M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em Revista**, v.15, n. 23, Nov., 2004. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2055/1707>>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- _____. **Violências versus cultura de paz: a saúde e cidadania do adolescente em promoção**. 2004. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- RABBANI, Martha Jalali. Educação para a Paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia. In: MILANI, F. M.; JESUS, R. C. D. P. (Orgs.). **Cultura de Paz: estratégias, mapas e bússolas**. Salvador: INPAZ, 2003.
- REZENDE, Marcelo Guimarães. **Educação para a paz – sentidos e dilemas**. Editora da Universidade de Caixias do Sul, 2006.
- RÖHRS, Hermann. Fundamentos de una educación para la paz. **Educación**, Instituto de Colaboración Científica, Tübingen, v. 1, p. 20-25, 1970.

RONDA PREVENTIVA ESCOLAR – ROPE. Disponível em: <http://www2.gmf.fortaleza.ce.gov.br/index.php?Itemid=15&id=12&option=com_content&task=view>. Acesso em: 12 nov. 2009.

SANTOS, J.V.T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, v.27, n.1: p.105-22, jan./jun, 2001.

SARLO, B. **Tiempo presente**: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores argentinos SA. , 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALSELFSZ, J.J. (coord.). **Juventude, violência e cidadania**: os jovens de Brasília. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Tradução: Daniel Grassi. São Paulo: Bookman, 2001.